

Folha do Pátio

Uma publicação do Museu Histórico Nacional

Editorial

Pátio dos Canhões

Pátio dos Menores, Pátio das Coroas, Pátio Epitácio Pessoa. Como os nomes pelos quais foi conhecido revelam, o Pátio dos Canhões é registro e testemunha das mudanças ocorridas não só no complexo arquitetônico que abriga o Museu Histórico Nacional, como também na própria cidade do Rio de Janeiro. Lugar de descanso e contemplação para quem o visita e para quem trabalha no museu, já foi via de passagem para os cariocas que iam das proximidades da antiga Praia da Piaçava à Ladeira da Misericórdia na subida para o Morro do Castelo.

Usado pelos quartéis construídos no entorno, lugar de treinamento dos soldados e espaço usado para educação física das crianças e jovens naquele que ficou conhecido, desde o século XIX, como Quartel dos Menores, o pátio também era lugar para experimentações e trabalhos das oficinas do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

Seu primeiro nome, Pátio dos Menores, refere-se ao uso que dele fazia a antiga Escola dos Menores do Arsenal de Guerra, que oferecia abrigo e aprendizado de ofícios a órfãos da cidade.

Os canhões do pátio estão presentes desde a primeira exposição do museu, em 1922, e são, em sua maioria, herança do Arsenal de Guerra que somente deixou o local no início do século XX.

1ª Guerra Mundial e a tecnologia



A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ficou marcada por suas inovações tecnológicas. Com a única exceção da bomba atômica, todos os meios tecnológicos da guerra moderna foram usados. O obuseiro do Pátio dos Canhões é uma peça de artilharia improvisada, feita na Itália, para combater tropas austríacas e alemãs. Ele foi doado ao MHN pelo então rei da Itália. É interessante olhar esse obuseiro e compará-lo a outros canhões do pátio. Claramente percebemos como a mecânica, com suas manivelas e seu tamanho, possibilitou um maior poder de fogo e mobilidade, aumentando o número de vítimas.

Franceses invadem o Rio de Janeiro



Ao longo do século XVIII, o Rio de Janeiro espalhou-se entre os quatro morros – Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição. Com a descoberta de ouro nas Minas Gerais, a cidade enriqueceu e chegou a enfrentar invasões de corsários do rei francês. Em 1711 a cidade sucumbiu à invasão do corsário Duguay-Trouin, ficando 50 dias sob o comando dos franceses e obrigada a pagar imenso tributo para a retirada dos invasores. Remanescente desse período é o canhão francês exposto no pátio interno do MHN. Consta que foi abandonado pelos corsários devido ao excesso de peso dos navios, abarrotados de ouro e bens preciosos adquiridos no resgate.

Portal do Solar dos Calmon - Portal de viagens

Hoje sólido e imponente em um dos vértices do Pátio dos Canhões, o portal da família Calmon apresenta as marcas das intempéries de sua longa viagem antes da chegada ao museu. Construído no século XVIII como pórtico de entrada do antigo solar no Recôncavo Baiano, foi transferido para o parque da casa dos Calmon em Botafogo, no Rio de Janeiro, em 1923. Com a morte de Miguel Calmon, e a doação feita por sua esposa dos itens que compuseram a Coleção Miguel Calmon, o portal chegou ao museu em 1936.



“O Cristão” em Guerra



A Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) iniciou após Solano Lopez ter invadido o Mato Grosso do Sul. O confronto envolveu também Argentina e Uruguai, que formaram, com o Brasil, uma aliança contra o Paraguai.

Em 1868, ocorre um dos momentos mais difíceis enfrentado pelas tropas aliadas. A Fortaleza de Humaitá, que impedia o acesso à cidade de Assunção pelo Rio Paraguai, foi ultrapassada e, entre as armas apreendidas pelos brasileiros na batalha, destaca-se o canhão de doze toneladas, El Christiano.

O nome em português “O cristão” remete às “origens católicas” do canhão — fabricado em 1867 com o bronze oriundo de sinos das igrejas paraguaias. Sua inscrição lateral “Da Religião para o Estado” demonstra a aliança do governo daquele país com a Igreja em seu projeto bélico.

Lápide de Manoel da Nóbrega



Quando o Morro do Castelo foi demolido, inúmeros objetos lá encontrados ficaram sob a responsabilidade da prefeitura antes de serem incorporados aos acervos culturais da cidade. Esta lápide de mármore foi um deles. Pensava-se que era a laje do túmulo do jesuíta Manoel da Nóbrega, que veio juntamente com Mem de Sá para expulsar os franceses e fundar a cidade do Rio de Janeiro. Ocorre que existiu um padre homônimo do jesuíta, que foi prelado no Rio de Janeiro, porém a história não lhe reservou louvações. Pelo contrário, pesa sobre sua memória a suspeita de graves delitos, ocorridos por volta de 1620, e ligados a sua nomeação como prelado da cidade. O cronista Vieira Fazenda nos conta que ele só teria conseguido o cargo depois da misteriosa morte do sacerdote Aborim.

O canhão de uma tensa União

O período entre 1580 e 1640 corresponde ao tempo em que o trono português foi ocupado pela monarquia espanhola dos Habsburgo. Nessa era dos reis Felipes o Brasil, como colônia portuguesa, foi espanhol. Dessa época é o canhão com as inscrições “D. PEDRO PACHECO MARQS DE CASTRO FVERTE DEL CONSEIO DE GVERA CAPITAN GL DE LA ARTILA” e “DON PHELIPPE 4 REY DE SPANA” e o brasão dos Habsburgo. Observa-se nas armas da monarquia espanhola o brasão português em lugar de destaque, simbolizando a incorporação de Portugal aos domínios de Espanha na União Ibérica.

Um canhão do tamanho de um brinquedo



O canhão de bronze de boca achatada, localizado em um dos vértices do Pátio dos Canhões, costuma provocar questionamentos devido ao seu tamanho pequeno e ao seu formato inusitado. Inspirado em um canhão russo do século XVIII, foi o primeiro fundido pelo Arsenal de Guerra da Corte, na antiga Fundação da Ponta da Areia, em Niterói.

Atualmente a peça é vista como parte da produção bélica do período imperial brasileiro, recebendo o carinhoso apelido de “pastilha garoto” — devido ao formato de sua boca ser muito semelhante a um confeito popular entre as crianças, produzido pela fábrica de chocolates “Garoto” em Vila Velha/ES.

Um vestígio da presença holandesa no Brasil: um canhão.



Trata-se de um canhão de 30 libras, fundido para a Companhia das Índias Ocidentais em 1629, normalmente utilizado na defesa e no ataque a fortificações.

A presença holandesa no nordeste brasileiro, iniciada em 1630, fez parte das lutas por independência dos Países Baixos em relação à Espanha, significando uma alternativa ao bloqueio do comércio do açúcar imposto pelos espanhóis aos neerlandeses. Nessa época, sob a União Ibérica, o Brasil era espanhol. Portugal recuperou sua soberania apenas em 1640. A República das Províncias Unidas (atual Holanda) só deixou o Brasil em 1654, após as Batalhas dos Guararapes.

Com a expulsão dos holandeses, diversos canhões ficaram no Brasil, tais como esta peça que tem o brasão da Companhia das Índias Ocidentais Holandesa (Letras “GWC”).

Canhões ingleses no Museu Histórico Nacional: a longa relação de Brasil e Portugal com a Inglaterra



São cinco os canhões que compõem o que ficou conhecido no Museu Histórico Nacional como a série George III. Os canhões ingleses de ferro fundido foram fabricados na segunda metade do século XVIII. Começaram a ser substituídos nas forças armadas inglesas a partir de 1792. Já em 1808, nenhum dos canhões George III estava em uso na Inglaterra. Conhecidos como canhões do padrão Armstrong, os defasados e abandonados canhões provavelmente vieram ao Brasil como lastro de navios. Aqui compuseram a artilharia de fortes por todo nosso território. Até hoje grande parte dos canhões presentes nas antigas fortificações brasileiras são semelhantes a esses.

Expediente da Folha do Pátio

Coordenação Editorial: Álvaro Marins / Direção de Arte: Isabela Borsani / Redação: Aline Montenegro Magalhães, André Amud Botelho, Maria Isabel Lenzi e Rafael Zamorano
Assistência Editorial: Dayane Paes / Estagiária: Samara da Paz / Pesquisa: Adler Homero Fonseca de Castro e Ruth Beatriz Silva Caldeira de Andrada